

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Julia Rosauo Ventura

As representações sobre as bibliotecárias brasileiras nas páginas do Facebook

Porto Alegre

2018

Julia Rosauo Ventura

As representações sobre as bibliotecárias brasileiras nas páginas do Facebook

Trabalho de Conclusão de Curso realizado como requisito parcial para obtenção de grau de bacharel em Biblioteconomia, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Professor orientador: Dr. Valdir José Morigi

Porto Alegre

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora: Profa. Dra. Jane Fraga Tutikian

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Profa. Dra. Karla Maria Müller

Vice-Diretora: Profa. Dra. Ilza Maria Tourinho Girardi

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Profa. Dra. Jeniffer Alves Cuty

Chefe Substituta: Profa. Dra. Eliane Lourdes da Silva Moro

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Profa. Dra. Rita do Carmo Ferreira Laipelt

Coordenador Substituto: Prof. Dr. Rene Faustino Gabriel Júnior

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

Ventura, Julia Rosauro
As representações sobre as bibliotecárias
brasileiras nas páginas do Facebook / Julia Rosauro
Ventura. -- 2018.
51 f.
Orientador: Valdir José Morigi.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de
Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Representações sociais. 2. Bibliotecárias
brasileiras. 3. Profissão bibliotecário. 4. Redes
sociais. 5. Facebook. I. Morigi, Valdir José,
orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Departamento de Ciências da Informação

Rua: Ramiro Barcelos, 2705

CEP: 90035-007

Tel./Fax: (51) 3316-5146 (51) 3308-5435

E-mail: fabico@ufrgs.br

JULIA ROSAURO VENTURA

As representações sobre as bibliotecárias brasileiras nas páginas do facebook

Trabalho de Conclusão de Curso realizado como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em Biblioteconomia, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Valdir José Morigi

Aprovado em: 14/12/2018
Conceito: A

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Valdir José Morigi
Orientador

Profa. Dra. Marcia Heloisa Tavares de Figueredo Lima
Examinadora

Me. Luis Fernando Herbert Massoni
Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha irmã Melissa, que sempre esteve comigo e que é um exemplo de força, por formar a pessoa que eu sou hoje e estar ao meu lado.

À minha família: meu cunhado Marco, meus sobrinhos lindos Stephanie, Lucas e Rafaela e ao meu pai Silvio, por estarem comigo e serem tão incríveis.

Ao meu namorado, Carlinhos, que esteve comigo nos momentos de surto e “não vai dar tempo, eu não consigo”. Obrigada por compreender e me passar essa tua calma que conforta e revigora.

Aos meus amigos que nessa caminhada abriram as portas das suas casas para que eu tivesse onde ficar: Luísa, Márcia, Giovanni e Lucas. Não tenho palavras para descrever o quanto foi importante para que eu chegasse até aqui e o quanto eu sou agradecida pela amizade, colo e companheirismo que tenho em vocês.

Aos meus “amigos de festa”: Theus, Rhay, Couto, Schafer, Fetter e Rodrigo, pela preocupação comigo e por me fazerem rir e estarem comigo nos piores momentos que passei.

Aos meus colegas de curso, que fizeram com que esses quatro anos fossem leves, pelo auxílio, amizade e risadas.

A todos os profissionais bibliotecários e funcionários que me ensinaram, na prática, o ofício da Biblioteconomia. Às equipes das bibliotecas do Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, Tribunal de Justiça Militar do Estado do Rio Grande do Sul e Biblioteca Depositária da ONU. Obrigada pelas oportunidades e pelos aprendizados.

Aos meus colegas de estágio: José, Inaúma, Priscila, Bruna, Eva, Nilo, Raquel e Ederson. Obrigada pelos ensinamentos, risadas e apoio.

Ao meu orientador, Prof. Valdir Morigi, pela paciência e ensinamentos.

À minha banca, Profa. Dra. Marcia Heloisa Tavares de Figueredo Lima e Me. Luis Fernando Herbert Massoni.

À UFRGS, pelo conhecimento proporcionado.

“É assim que as coisas são
E talvez nunca irão mudar
Mas eu decidi mostrar a minha força
E eu tenho o direito de falar o que penso
Eu vou pagar por isso
Eles vão me queimar na estaca
Mas eu tenho fogo nas minhas veias
Eu não fui feita para seguir ordens.”
(Christina Aguilera)

RESUMO

Apresenta uma pesquisa qualitativa que utiliza, para análise dos dados, a análise de conteúdo e visa responder como as bibliotecárias brasileiras são representadas nas páginas do Facebook. As páginas escolhidas foram Bibliotecário Bem Humorado, Bibliotecária Mal Humorada, Bibliotecários Sem Fronteiras e Bibliotecária Diferentona, no período de março a setembro de 2018. Abrange através do referencial teórico autores relevantes ao assunto de pesquisa e abrange o conceito de representações, como elas são inseridas no cotidiano e interferem no trabalho do bibliotecário. Os resultados obtidos propiciam alcançar os objetivos gerais e específicos propostos pela pesquisa e responder à pergunta de investigação proposta no estudo. Conclui que as representações sobre os bibliotecários como guardiões dos livros, das bibliotecas e da memória persistem e que as representações sobre as bibliotecárias estão associadas ao espaço das bibliotecas.

Palavras-Chave: Representações sociais. Bibliotecárias brasileiras. Profissão bibliotecário. Redes sociais. Facebook.

ABSTRACT

It presents a qualitative research that uses, for data analysis, the analysis of content and aims to answer how the Brazilian librarians are represented in the pages of Facebook. The pages chosen were *Bibliotecário Bem Humorado*, *Bibliotecária Mal Humorada*, *Bibliotecários Sem Fronteiras* and *Bibliotecária Diferentona*, in the period from March to September 2018. It covers through the theoretical reference authors relevant to the subject of research and covers the concept of representations, how they are inserted in the daily life and interfere in the work of the librarian. The results obtained propitiates the general and specific objectives proposed by the research and answer the investigation question proposed in the study. It concludes that representations about librarians as guardians of books, libraries and memory persist and that representations about librarians are associated with the space of libraries.

Keywords: Social representation. Brazilian librarians. Librarian profession. Social media. Facebook.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - “Bem vindo à biblioteca!”.....	28
Figura 2 - Meme político.....	29
Figura 3 - O que está acontecendo?	30
Figura 4 - O bibliotecário perante outros	31
Figura 5 - “A biblioteca é minha”	32
Figura 6 - Bibliotecários sem fronteiras	34
Figura 7 - Desvalorização do profissional	36
Figura 8 - Falta de recursos	37
Figura 9 - Logo da página	38
Figura 10 - Notícia.....	39
Figura 11 - Desvalorização do profissional 2.....	40
Figura 12 - - Bibliotecário e gestão.....	41
Figura 13 - Notícia 2.....	42

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	13
2.1	REPRESENTAÇÕES, REDES SOCIAIS E FACEBOOK	16
2.2	REPRESENTAÇÕES PROFISSIONAIS DA MULHER NO BRASIL	18
2.3	AS REPRESENTAÇÕES SOBRE A PROFISSÃO E OS BIBLIOTECÁRIOS	20
3	METODOLOGIA DA PESQUISA	24
3.1	CORPUS DE ESTUDO	25
4	AS REPRESENTAÇÕES SOBRE AS BIBLIOTECÁRIAS BRASILEIRAS NAS PÁGINAS DO FACEBOOK	28
4.1	BIBLIOTECÁRIO BEM HUMORADO	28
4.2	BIBLIOTECÁRIA MAL HUMORADA	32
4.3	BIBLIOTECÁRIA DIFERENTONA.....	38
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
	REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa aborda os estereótipos das profissionais bibliotecárias na rede social Facebook. A ideia sobre o tema surgiu a partir de reflexões sobre o machismo em nossa sociedade, que se faz presente e é repassado através das gerações. A visão de que mulher foi feita para casar, ter filhos e cuidar da casa ainda é muito presente e muitas são condicionadas pela expressão “do lar”, pois acabam se privando do mundo do trabalho em função dos cuidados da casa, do marido e dos filhos. Quando o contrário acontece, e as mulheres estudam, formam-se e trabalham, elas ainda encontram dificuldades, como salários desiguais entre elas e eles para um mesmo cargo. Assim, nas representações sobre a vida profissional são criados diversos estereótipos que podem desqualificar as bibliotecárias.

A mídia produz informações em diferentes formatos: imagens, opiniões, julgamentos morais e representações sobre os objetos e acontecimentos. O facebook e outras redes sociais, ao fazerem circular informações sobre o trabalho das bibliotecárias, contribuem para a manutenção das representações sociais ao seu respeito. As pessoas “têm voz” e emitem suas opiniões que podem reproduzir os preconceitos e os estereótipos sobre as profissões e os seus profissionais.

A partir da reflexão sobre o tema, a pesquisa visa investigar: *Como as bibliotecárias brasileiras são representadas em páginas sobre bibliotecários no Facebook?* O objetivo geral deste estudo centra-se em compreender como são construídas as representações sobre as bibliotecárias em postagens de páginas sobre bibliotecários no Facebook, auxiliando na manutenção dos estereótipos sobre as profissão. Os objetivos específicos que contribuem nesta pesquisa são: contextualizar o surgimento da profissão de bibliotecário no Brasil; identificar quais os espaços de trabalho ocupados pelas bibliotecárias; identificar como as páginas no Facebook sobre o profissional comunicam as informações sobre as bibliotecárias; analisar as informações que circulam nas páginas sobre bibliotecários no Facebook; e verificar as tensões entre as representações sobre as bibliotecárias e a profissão de bibliotecário.

Está-se vivendo um momento de diversos conflitos, tanto internos como externos, seja na política ou no âmbito social. O feminismo é um movimento que luta pela equidade social, política e econômica entre homens e mulheres e vem sendo muito discutido por conta de toda a carga que depositaram nas mulheres: as

vestimentas, o modo de se portar e agir e a submissão da qual geralmente estão condicionadas em distintos sistemas culturais. Aos poucos, estamos conquistando nosso espaço: seja no cotidiano, nas empresas ou na política, a mulher vem reivindicando mais voz e apoio em suas decisões, trazendo pequenas conquistas. Pouco a pouco, tem se percebido a igualdade de salário entre homens e mulheres em um mesmo cargo (inclusive em cargos que antigamente eram somente ocupados por homens); no Brasil uma presidente mulher foi democraticamente eleita e simboliza questões de uma luta muito antiga, ao mesmo tempo em que, por machismo, sofreu impugnação.

O machismo, um dos principais traços do conservadorismo, faz parte do cotidiano e, infelizmente, é algo repassado pelas gerações, e cabe a nós, através do conhecimento e convivência social, contribuir com a mudança de pensamentos e atitudes. Promover a liberdade e autonomia entre as pessoas de todos os gêneros, raças, culturas e condições sociais para ser quem quiser ser, dentro da perspectiva da cidadania e dos direitos humanos. Um dos principais passos para mudar o paradigma conservador consiste em não aceitar nenhum tipo de ato machista e misógino, seja em ambientes reais ou virtuais.

O Facebook é uma rede social muito utilizada em todo o mundo e suas páginas alcançam diferentes usuários e são usadas para influenciar a formação de opiniões, dos gostos e das preferências dos cidadãos. A troca de informações nas redes sociais propicia a possibilidade de intercâmbio de ideias, crenças e percepções do mundo. O Facebook também é um ambiente de trocas sobre diferentes temas ligados à biblioteconomia, pois, através desta rede, diversas pessoas e entidades se manifestam. Algumas pessoas que são figuras públicas, reconhecidas da área e grupos que divulgam informações sobre eventos e debates sobre a profissão.

Ao pesquisar pela produção acadêmicas na área que envolve este tema, foi encontrado no repositório digital Lume/UFRGS trabalhos de conclusão de curso com os seguintes títulos: “O Estereótipo do Bibliotecário no Cinema” (ROCHO, 2007), “A Imagem do Profissional Bibliotecário na Literatura de Ficção” (JACOBSEN, 2010), “As Representações do Bibliotecário na Literatura Infantil” (MATOS, 2014) e “Representações sobre Bibliotecários em Animes” (KUSSLER, 2016).

A ausência de estudos sobre as representações sobre as bibliotecárias, em particular, instigou a presente autora a pesquisar sobre o tema em outras fontes de

informação. Ao considerar a influência das redes sociais e sua potencialidade de legitimar e disseminar representações, optou-se por analisar quatro páginas do Facebook, sendo elas *Bibliotecário Bem Humorado*, *Bibliotecária Mal Humorada*, *Bibliotecários Sem Fronteiras* e *Bibliotecária Diferentona* a partir de sua série de postagens divulgadas em sua maioria para entretenimento, procurando atingir todos os bibliotecários e os usuários de bibliotecas.

2 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

O primeiro teórico a tratar sobre representações sociais foi Émile Durkheim, que chamava o fenômeno de “representações coletivas”. As representações coletivas tinham muitas semelhanças com o fato social e seu conceito procurava resolver fenômenos como ciência, crença, cultura, mitos e outras características do conhecimento que eram pertencentes à sociedade. Durkheim foi essencial para o estudo de Serge Moscovici, que fez uma releitura e apresentou as Representações Sociais. Enquanto as representações coletivas tinham um contexto mais sociológico, as representações sociais focam no âmbito da psicologia.

Moscovici (2003, p. 49) escreve sobre a distinção entre coletivo e social, trazendo as representações coletivas de Durkheim:

Para sintetizar: se, no sentido clássico, as representações coletivas se constituem em um instrumento explanatório e se referem a uma classe geral de ideias e crenças (ciência, mito, religião, etc.), para nós, são fenômenos que necessitam ser descritos e explicados. São fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender e de se comunicar – um modo que cria tanto a realidade como o senso comum. É para enfatizar essa distinção que eu uso o termo ‘social’ em vez de ‘coletivo’.

Ou seja, as representações coletivas de Durkheim são mais inertes, enquanto as representações sociais de Moscovici são práticas e estão voltadas a explicar a interação entre os indivíduos na sociedade.

Representar é atribuir conceitos, imagens. Segundo Moscovici (2003, p. 46), o objetivo das representações é “[...] abstrair sentido do mundo e introduzir nele ordem e percepções, que reproduzam o mundo de uma forma significativa”, trazendo uma relação de interdependência entre ideia e imagem. A formação das representações ocorre com percepções individuais, que provêm das experiências cotidianas e contextos culturais.

Moscovici apresenta a Teoria das Representações Sociais na obra do autor intitulada *A representação social da psicanálise*, de 1978. A teoria empenha-se principalmente na inter-relação entre sujeito e objeto e como se dá o procedimento de concepção do conhecimento no individual e coletivo. Portanto, possui uma dupla dimensão, sendo ela Sujeito e Sociedade.

No Brasil, Jovchelovitch (2008, p. 20) analisa as representações “entendida como uma forma dialógica gerada pelas inter-relações eu/outro/objeto-mundo”. A

autora fez uma abordagem psicossocial sobre os saberes, trazendo uma ligação entre mundos individuais, interpessoais e socioculturais.

Para Guareschi (2000, p. 36), que busca um entendimento das Representações Sociais, “essa teoria tenta, e até certo ponto dá conta, de superar diversas dicotomias que se formaram no decorrer da história da Psicologia Social”. Os exemplos de dicotomia por ele trazidos são entre o individual e o social - a mais central -, entre o interno e externo e entre o consensual e o reificado. Guareschi (2000, p. 38) fala da superação dessas dicotomias:

Na superação dessas dicotomias, as RS procuram ocupar um espaço específico, e podem ser compreendidas como um conhecimento do senso comum, socialmente construído e socialmente partilhado, que se vê nas mentes das pessoas e na mídia, nos bares e nas esquinas, nos comentários das rádios e TVs. São um conhecimento, mas diferente do conhecimento científico, que é reificado e fundamentalmente cognitivo.

Ou seja, as representações sociais são como “tijolos de saber” (GUARESCHI, 2000), porções de conhecimento, memórias e tradições que são essenciais para a compreensão de um povo. Ou ainda, conhecimentos compartilhados socialmente que aparecem e se validam no cotidiano com o intuito de captar a realidade social.

A partir das representações sociais, pode-se pensar nas representações profissionais. Gentilli (2006, p. 73) traz aspectos relacionados a problemas de identidade profissional, sendo um deles o problema de reconhecimento profissional. Ao que trazemos aqui e será abordado nos próximos capítulos, a Biblioteconomia tem pouco reconhecimento. Um exemplo é que ainda em muitas escolas, mesmo com a Lei Federal 12.244/10 que determina que até 2020 todas as escolas do Brasil tenham uma biblioteca sob os cuidados de um bibliotecário, não há bibliotecários atuando e sim uma professora. Sendo assim, a representação do profissional nesse caso pode ser considerada como substituível, independente da profissão, pois enquanto há mão de obra, mesmo não sendo qualificada, para aquele emprego em questão, os profissionais qualificados não estão sendo reconhecidos.

Com o mundo tecnológico em que vivemos, a mídia tem um grande papel na construção das Representações Sociais. Beck (1999, p. 64, tradução nossa) afirma que “a cobertura da mídia é de importância-chave considerando o fato de que os riscos geralmente são imperceptíveis no dia-a-dia”. Assim, o público constrói uma realidade a partir do que a mídia decidiu transmitir. A mídia não somente produz

informações, imagens, opiniões e julgamentos, mas também “teorias”, teorias essas que podemos chamar de representações sociais.

A mídia trabalha com a comunicação em massa, através da televisão, rádio, jornais e revistas e alcança um povo heterogêneo e anônimo. Para Marcos Alexandre (2001, p. 113), “diariamente somos bombardeados e envolvidos por informações, através de imagens e sons que, de uma forma ou de outra, tentam criar, mudar ou cristalizar atitudes ou opiniões nos indivíduos”, e este seria o efeito da comunicação em massa, que a partir desta grande circulação de informações nos traz as suas representações.

É difícil imaginar, atualmente, “o que seria viver num mundo sem livros e jornais, sem rádio e televisão, e sem os inúmeros outros meios através dos quais as formas simbólicas são rotineira e continuamente apresentadas a nós” (THOMPSON, 1999, p. 219). Afinal, as mídias são de extrema importância para a formação do sujeito moderno.

Alexandre (2001, p. 116) aborda o fenômeno da comunicação de massa em diferentes épocas, citando que ao final da década de 90:

Os meios de comunicação de massa se tornam instrumentos fundamentais na produção da nova coesão social, exatamente porque lidam com a fabricação, reprodução e disseminação de representações sociais que fundamentam a própria compreensão que os grupos sociais têm de si mesmos e dos outros, isto é, a visão social e a auto-imagem.

Os estudos sobre representação coletiva de Durkheim que antecederam a teoria de representação social de Moscovici foram de suma importância para o seu entendimento. Apesar de uma embasar a outra, existe uma sutil distinção entre as duas. Na teoria de representação coletiva, o foco é expor e desvendar “uma classe geral de ideias e crenças”; em contrapartida a Representação Social é uma consequência do convívio do indivíduo em uma sociedade que compartilha conhecimento, memórias, histórias e ideias. Na década de 90, mais precisamente no ano de 1995, era criada a primeira rede social chamada *ClassMates*, o que nos mostra que esse crescimento de disseminação de representações sociais nas mídias pode ser associado às redes sociais.

2.1 REPRESENTAÇÕES, REDES SOCIAIS E FACEBOOK

Segundo o Dicionário Online de Português, o significado de rede é “feita pelo entrelaçamento de fibras que são ligadas por nós ou entrelaçadas nos pontos de cruzamento”. Podemos associar este significado ao conceito de rede social que Recuero (2009, p. 42) traz: “uma rede social é sempre um conjunto de atores e suas relações”. Isto porque os atores citados são os nós que o dicionário traz. Os atores são as pessoas, os grupos ou as instituições, enquanto as relações ou conexões são os laços sociais ou as interações. O conjunto destes dois elementos nos traz a definição de rede social (WASSERMAN; FAUST, 1994; WELLMAN, 1997), nos mostrando que o termo, embora seja mais utilizado atualmente, sempre existiu para definir as relações estabelecidas num sistema social.

Ao pensar que a rede social é um conjunto de atores, podemos tratar as redes sociais na internet como “redes de atores formadas pela interação social mediada pelo computador” (RECUERO, 2009, p. 14). As trocas de informações em ambientes de comunicação proporcionam o surgimento dos grupos sociais. Hoje, o termo rede social é aplicado ao conceito da internet, que é constituída por pessoas e organizações com o intuito de compartilhar valores, interesses, saberes e objetivos em comum, havendo uma comunicação entre elas.

As redes sociais são, hoje, redes de comunicação e interação que envolvem uma linguagem simbólica, limites culturais e relações de poder. Nos últimos anos surgiram como um padrão organizacional capaz de expressar, através da sua arquitetura de relações, interações sociais, políticas e econômicas de caráter inovador, com a missão de ajudar a explicar alguns problemas atuais. São a manifestação de uma nova forma de conhecer, pensar e conceitualizar a realidade social. (FIALHO, 2015, p. 61).

As redes sociais são consideradas fontes de informação, como citam Marques e Vidigal (2018, p. 1): “a Internet e a Web 2.0 modificaram a forma como as pessoas obtêm informação e se relacionam no meio em que vivem. É nesse contexto que as redes sociais surgem como uma fonte de informação indispensável”, afinal são formas de baixo custo e acessíveis de obter informações.

Para participar de uma rede social, é muito fácil. Basta acessar o site, criar um perfil e adicionar pessoas que gostaria de manter contato. A partir disto, é de escolha do usuário colocar informações pessoais, como fotos e vídeos, adicionar outros usuários - afinal não necessariamente as redes sociais existem para manter a conexão somente entre amigos, mas também para conhecer novas pessoas de

outros lugares. Embora a noção de rede social pressuponha que exista uma relação entre seus usuários, esse link entre duas pessoas não necessariamente garante uma interação entre elas. Temos como exemplos de redes sociais globais Orkut, Facebook, Instagram, WhatsApp e Twitter e que contam com milhões de usuários. Publicitários e políticos veem essas mídias “como uma representação de interações sociais que podem ser usadas para estudar a propagação de idéias, a dinâmica de laços sociais, e o marketing viral, entre outros” (HUBERMAN; ROMERO; WU, 2009).

O Orkut foi desativado por conta do grande sucesso do Facebook, que tem mais recursos tecnológicos. No Facebook existem páginas que variam entre entretenimento, marketing de lojas, produtos, informações (jornais eletrônicos), dentre outros. É a partir das postagens dessas páginas e de usuários que a rede se movimenta, pois, com as ferramentas de curtir, comentar e compartilhar pode-se fazer com que essas publicações circulem no mundo todo, como afirma Crispim et al. (2016, p. 348): “mais do que possibilitar a comunicação instantânea entre os seus usuários, tem o poder de influenciar opiniões, criar e mobilizar grupos, ultrapassando os limites da internet, atingindo até mesmo aqueles que não fazem parte dessas redes”.

Sendo assim, o Facebook é uma mídia social que contribui com as representações sociais, afinal as pessoas são livres para emitir suas opiniões e preconceitos. Pinto e Ribeiro (2016) afirmam que, por vezes, os usuários só emitem suas opiniões pois sabem que estão seguros, afinal podem se camuflar atrás de perfis falsos, por falarem de um computador ou celular tem proteção física e a viabilidade de encontrar outras pessoas que pensem da mesma maneira.

Então, a partir de seus perfis, os usuários têm o poder de disseminar suas opiniões e estas podem ter maior visibilidade conforme outros usuários interagirem. Dieb, Araújo e Vasconcelos (2014) trazem que as representações sociais se encontram nesses ambientes e as pessoas sem perceber curtem, comentam e compartilham suas próprias representações, das quais por vezes se constroem em discursos nocivos a outro ser humano.

Concluindo, estamos tão acostumados a relacionar o termo redes sociais com o Facebook, Instagram, WhatsApp e Twitter, que acabamos esquecendo que esse termo é antigo, e que as redes sociais eram formadas por pessoas que interagiam e se relacionavam com meios simples, criando vínculos com um grupo de pessoas para troca de informações. As representações existem desde antigamente, mas com

a tecnologia e o poder que as novas redes sociais têm de disseminar facilmente as informações, as representações fluem com rapidez e globalmente, atingindo grande maioria de usuários destas redes.

Temos inúmeros tipos de representações, sendo uma delas, a da mulher. Podemos utilizar de exemplo o caso da atriz Taís Araújo¹, que foi atacada ao publicar uma foto em seu perfil no Facebook. Para Pinto e Ribeiro (2016), essa postagem “proporcionou com que as pessoas [...] falassem sobre as questões raciais.” Comentários como “entrou na Globo pelas cotas”, “escuridão”, “cabelo de esfregão” estavam escritos na foto, com uma quantidade grande de curtidas. Ou seja, quem escreveu não somente proferiu seus preconceitos como falou por outros. Uma representação de como a mulher negra é vista.

2.2 REPRESENTAÇÕES PROFISSIONAIS DA MULHER NO BRASIL

Em variadas culturas, a mulher carrega um conjunto de estereótipos. No Brasil, não é diferente. A visão de que mulher foi feita para casar, ter filhos e cuidar da casa ainda é muito presente. Muitas realmente estão condicionadas pela expressão “do lar”, pois acabam se privando do mundo trabalhista por conta do marido e/ou filhos, além da divisão de tarefas que sempre foi presente, fazendo com que a mulher fique “presa” à casa e o marido seja o provedor de materiais e alimentos da família, divisão esta que passou a ser desconstruída a partir da metade do século XX. Em 18 de junho de 2016, Juliana Linhares, da revista Veja, fez uma matéria sobre Marcela Temer, que a caracterizou como “bela, recatada e do lar”². Marcela Temer, mulher branca, rica (e não pelo diploma que tem, mas sim sustentada pelo marido, Michel Temer) e mãe. Nascimento et al. (2016, p. 4) argumenta que “é o regresso a figura feminina idealizada do século XIX, uma mulher bela aos olhos do marido, recatada que não se envolvia nas questões políticas, econômicas e sociais e com uma linguagem polida, e do lar, o ambiente reservado a elas”.

As relações de gênero podem ser percebidas, hoje em dia, como relações de desigualdade social e pessoal, pois o sexo masculino é dado como superior por um

¹ Fonte: G1. Disponível em: < <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/11/atriz-tais-araujo-e-alvo-de-comentarios-racistas-em-rede-social.htm>>. Acesso em: 19 dez. 2018.

² Fonte: VEJA. Disponível em: < <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>>. Acesso em: 19 dez. 2018.

determinismo biológico e a heterossexualidade como uma forma de viver a sexualidade (SUNG; SILVA, 1995).

As mulheres que estudam, formam-se e trabalham ainda encontram dificuldades, como salários divergentes entre elas e homens para um mesmo cargo. Moraes (2005) realiza um estudo sobre a discriminação salarial, argumentando que mulheres mesmo com o nível de escolaridade e eficiência altos, por vezes têm um salário muito abaixo ao de outros trabalhadores com os mesmos atributos. Muitas empresas afirmam que tal diferença de salário se trata da licença maternidade, mostrando que a sociedade impõe que em determinado momento da vida as mulheres estão condicionadas a ter filhos. Essa assimetria de salários pode ser comprovada pela pesquisa feita com oito mil profissionais pelo site de empregos Catho³, aonde a diferença salarial chega a quase 53% em todos os cargos. Essa discrepância de salários é ainda maior quando a mulher é negra. “Diversos estudos recentes têm revelado que a associação da cor da pele com o sexo feminino é motivo de dupla discriminação” (BRUSCHINI et al., 2006, p. 145).

Trazendo então as representações das mulheres nas mídias, temos os comerciais de cerveja em que a grande atração é a garçonete de biquíni, e não a marca em si. Em 2014, durante a copa do mundo, a mulher brasileira era vendida como o maior atrativo, um patrimônio nacional, para os gringos. Segundo Pacheco (2017, p. 10), que fez um estudo sobre as propagandas de cerveja da marca Itaipava e produtos de limpeza da marca Veja, “percebemos a construção do papel da mulher nas propagandas, isto é, o modo como ela é representada ora como objeto de consumo, ora como pertencente ao âmbito privado (doméstico)”. Pode-se citar também que além dessas duas imagens, a mulher pode ser representada como um ser fútil, que troca qualquer coisa pelo dinheiro. Para Pacheco, enquanto essas propagandas passarem essas representações, a mulher não terá equidade política, social e econômica.

Mulher é sempre dita como o sexo frágil, tanto que a cor que nos caracteriza é rosa e vem desde a descoberta do sexo da criança. Trata-se de um pensamento conservador e antigo que persiste nos dias atuais, afinal quando crescemos usamos

³ Fonte: G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/mulheres-ganham-menos-que-os-homens-em-todos-os-cargos-e-areas-diz-pesquisa.ghtml>>. Acesso em: 07 set. 2018.

todo o tipo de roupa e cor, embora muitas peças ainda sejam convencionadas como masculinas e femininas.

Cabe salientar o quão difícil foi, para esta pesquisa, encontrar material relacionado às mulheres. Seja quanto a estereótipos, à profissão, o mercado não possui uma grande coletânea de obras relacionadas a mulheres e escrita por elas. “Esse é um nítido reflexo do que se observa também na política, nos cargos de comando das empresas e no próprio tecido social do Brasil: um enorme desequilíbrio entre importância e reconhecimento” (VILLAS BOAS; DIEHL, 2012).

A ideia generalizada de mulheres que se dedicam integralmente aos seus lares (casa, marido, filhos) ainda hoje é reproduzida nos mais diferentes discursos e ambientes. Esse estereótipo alimenta diversas práticas prejudiciais no cotidiano feminino como, por exemplo, a premissa de que a maternidade é inerente ao sexo feminino, muitas vezes utilizada para justificar salários desiguais entre homens e mulheres, utilizando-se da desculpa de que precisariam abdicar de suas rotinas profissionais para dedicarem-se, tanto à licença maternidade, quanto no decorrer da vida dos filhos. Tal premissa sobre a responsabilidade de acompanhar a criação dos filhos, raramente é direcionada ao sexo masculino. A noção de que há determinadas tarefas destinadas às mulheres representa a retirada do direito de optarem sobre realizá-las ou não. Essa ideia abrange mais que o cuidado com a casa e a família, ela toma proporções ainda mais perigosas quando seus corpos são objetificados em anúncios publicitários, por exemplo. Afinal, se existe a premissa de que a vontade da mulher não é o ponto mais importante em suas tomadas de decisões, e sim fatores externos, o respeito aquilo que ela deseja ou nega também é enfraquecido por esse mesmo discurso.

2.3 AS REPRESENTAÇÕES SOBRE A PROFISSÃO E OS BIBLIOTECÁRIOS

Antigamente, tínhamos o acervo de bibliotecas como exclusiva fonte de informação para o bibliotecário. Hoje, com a tecnologia e os variados tipos de suporte de informação, o campo e as práticas do bibliotecário estão em processo de transformação. Segundo Veras (2010, p. 2), “a tecnologia permite uma maior velocidade na socialização da mesma, o que gera impactos na profissão e implica na modificação do fazer bibliotecário, dando a este profissional da informação uma amplitude enorme de espaços de trabalho.”.

Podemos voltar um pouco, com o registro da informação como gerador da função de organizador. Rocho (2007) cita que na Antiguidade, a profissão bibliotecário manifestou-se da relação do homem com a informação registrada, utilizada para fins de controle. Desde então, era preciso de alguém no processo de guarda e organização das informações, fossem paredes de cavernas, tábuas de argila, livros, documentos científicos, jornais, periódicos, esculturas ou objetos. Com a quantidade de informações registradas e o crescimento da mesma, foi necessário a criação de instituições. Segundo Loureiro e Januzzi (2005, p. 125), “surgiram também as instituições criadas com o objetivo de armazenar e organizar informações para sua posterior recuperação e uso, destacando-se entre elas as bibliotecas”.

Rocho (2007) lembra que a profissão bibliotecário era dominada por escritores e poetas em meados do século XIX, porém era vista de forma elitista, uma vez, que por eles terem um nível de conhecimento elevado, atendiam um público de mesmo nível. Temos como primeiro bibliotecário concursado no Brasil Manuel Bastos Tigre, que era também poeta, compositor e jornalista, ilustrando que a profissão naquela época realmente pertencia aos poetas. Inclusive, o Dia do Bibliotecário (12 de março) é no dia de seu aniversário. Mas o primeiro bibliotecário do Brasil foi Antônio Gonçalves, jesuíta português, em 1604, na Biblioteca do Colégio da Bahia (FONSECA, 1979). Deve-se considerar que não havia cursos de Biblioteconomia no Brasil até o início do século XX.

É importante ressaltar que ambos os primeiros bibliotecários no Brasil foram homens, mas o estereótipo recai sobre as mulheres. Novas levas de bibliotecários se formam, cada vez mais jovens, mas não se percebe mudanças no estereótipo. Levando em consideração que as teorias e práticas na Biblioteconomia e Ciência da Informação sempre tiveram homens como referência (Ranganathan, Dewey, Otlet, La Fontaine, etc.), não é de se espantar onde recai as representações. A primeira bibliotecária do Brasil foi Adelpha Figueiredo⁴, que dirigiu a Biblioteca George Alexandre da Universidade Mackenzie. Seria possível os estereótipos terem começado com ela, visto que a mesma era uma senhora que usava óculos e usasse

⁴ Fonte: Prefeitura de São Paulo. Disponível em: <
https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/bibliotecas_bairro/bibliotecas_a/adelpha/index.php?p=5134>. Acesso em: 19 dez. 2018.

coque? Não se sabe, pois essas representações sobre as bibliotecárias não têm uma data, um marco de início.

Pensando nas representações, Matos afirma que “apesar de todas as mudanças já ocorridas [...] não é novidade que a imagem dos bibliotecários está normalmente vinculada a vários tipos de estereótipos negativos” (MATOS, 2014, p. 13). É uma realidade, pois o bibliotecário deixou de ser aquele profissional que serve apenas para organizar e guardar livros. Além disso, a imagem do profissional está se modificando, pois deixou de ser um profissional isolado em sua sala, que censura os usuários, impondo silêncio no ambiente da biblioteca. Ele tem um leque grande de oportunidades e espaços em que pode trabalhar, mas a profissão - quando é conhecida, pois muitos não sabem da existência do curso de Biblioteconomia, portanto não sabem do que se trata e por vezes não sabem pronunciá-lo, fazendo uma pergunta famosa entre o curso: “Biblio o quê?” - ainda é vista de uma forma muito antiga. Veras (2010, p. 4) escreve sobre a atuação do bibliotecário:

O bibliotecário não pode ser mais visto apenas em atividades que exigem conhecimentos de organização de bibliotecas, devendo ser integrado ao conjunto de profissionais da informação, respondendo a gerência e planejamento de sistemas informacionais, mercado ainda pouco explorado.

Em contraponto com Veras, temos Polke, Araújo e Cesarino (1977, p. 910) trazendo a realidade de quarenta anos atrás, em que o profissional bibliotecário era “ave de voo curto”. Isso porque na época o profissional bibliotecário se restringia a cargos técnico-executivos, fazendo com que não houvesse um avanço do mesmo no mercado de trabalho e em sua própria carreira.

Diante do novo cenário, a formação de bibliotecários nesses estereótipos, aos poucos, vem se transformando, afinal a biblioteca deixou de ser concebida como um “templo”. Hoje, ela é um local onde se realizam as trocas de informações, seja entre os usuários e os suportes informacionais ou com outros usuários.

Polke, Araújo e Cesarino (1977) realizam um estudo em Belo Horizonte acerca do perfil do bibliotecário, mostrando que a profissão de bibliotecário é ocupada em sua maioria pelo gênero feminino. Na década de 1970, a mulher ainda não tinha como realidade o sustento das famílias, além de o casamento ser a maior satisfação pessoal da mesma.

A baixa expectativa salarial leva-nos a acreditar na passividade do bibliotecário em relação ao mercado de trabalho. Essa passividade pode ser explicada pelo fato da profissão ser predominantemente feminina e se

desenvolver principalmente em instituições. Inexiste o profissional autônomo. (POLKE; ARAÚJO; CESARINO, 1977, p. 909).

Spudeit (2018, p. 275) realizou um estudo acerca do empreendedorismo feminino na área da Biblioteconomia e constatou que os maiores desafios e dificuldades encontrados por parte das bibliotecárias para empreender no Brasil são a falta de recursos financeiros para investir, o preconceito sobre o que o bibliotecário pode fazer, a falta de conhecimento e a burocracia.

Cabe salientar que no século XIX, período em que se destaca o desenvolvimento da escola e da biblioteca, as figuras da professora e da bibliotecária têm uma grande semelhança por lembrarem uma imagem maternal. Martucci (1996) faz uma aproximação da biblioteconomia com o magistério, afirmando em suas considerações finais o comportamento da mulher, onde ressalta “um ser puro, dedicado, submisso, passivo, leal, obediente, conservador, com respeito à autoridade e hierarquia, de grandes qualidades morais, educadora primeira na sociedade” (MARTUCCI, 1996, p. 242). Embora este comportamento seja datado do século XIX, pode-se perceber o quanto as representações sobre o profissional estão enraizadas na visão da ideologia patriarcal e o quanto essas representações sobre a profissão repercutem ainda hoje no imaginário social.

O fato é que a biblioteca há tempos deixou de ser esse local de guarda e espécie de templo sagrado da informação, assim como os profissionais mudaram também. Perfis diversos atuam na profissão, pessoas cada vez mais jovens e de todos os gêneros. Apesar disso, o estereótipo parece não mudar tanto assim, o que pode ser explicado pelo desconhecimento sobre a profissão e atuação dos bibliotecários. Percebe-se, assim, a importância do bibliotecário de fazer a diferença no seu dia a dia, em cada atividade de trabalho e no envolvimento com o usuário, utilizando-se de marketing pessoal, carisma e eficiência, para transformar a imagem negativa criada sobre sua profissão.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

A presente pesquisa apresenta metodologia de natureza básica, pois envolve verdades e também interesses universais e tem como objetivo produzir novos conhecimentos que sejam úteis para o avanço do conhecimento científico. Quanto a sua abordagem, dá-se de forma qualitativa, pois uma de suas principais funções foca no aprofundamento da compreensão de um grupo social. Esta abordagem possibilita investigar, no vigente trabalho, como as bibliotecárias são representadas pelas páginas sobre bibliotecários no Facebook e de que maneira isto contribui na manutenção dos estereótipos da profissão.

A pesquisa qualitativa, segundo Flick (2009, p. 37), “dirige-se à análise de casos concretos em suas peculiaridades locais e temporais, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais.”. Flick (2009) também comenta sobre as pesquisas qualitativas online, em que muitos métodos estão sendo adaptados para o uso da internet como ferramenta, trazendo como exemplo as entrevistas por e-mail, fóruns e como no caso desta pesquisa, a busca por postagens em uma rede social para maior entendimento de um grupo social.

Para González Rey (2005, p. 81), “o pesquisador vai construindo, de forma progressiva e sem seguir nenhum outro critério que não seja de sua própria reflexão teórica, os distintos elementos relevantes que irão configurar no modelo do problema estudado.” Ou seja, a pesquisa qualitativa é um conjunto de elementos em que o pesquisador constitui e é constituído por ela, trazendo uma imersão no campo da pesquisa. Para Chueke e Lima (2012, p. 67), a pesquisa qualitativa vem sendo mais utilizada, afinal o lado social vem sendo mais discutido e pesquisado. “A pesquisa qualitativa vem ganhando espaço em publicações acadêmicas pertencentes a diversas áreas de conhecimento, principalmente aquelas que não a privilegiavam em seus primórdios.”.

Quanto aos objetivos da pesquisa, esta caracteriza-se como descritiva. A pesquisa descritiva visa descrever características de uma população ou fato. Para Gil (1991, p. 46), “algumas pesquisas descritivas vão além da simples identificação da existência de relações entre variáveis, pretendendo determinar a natureza dessa relação”. Assim, a pesquisa descritiva se aproxima da exploratória, pois acaba por trazer uma nova visão do problema. Quanto ao procedimento técnico, esta pesquisa é de cunho documental. A pesquisa documental é muito semelhante à pesquisa

bibliográfica, mas enquanto esta se utiliza de materiais já elaborados por autores, a documental vale-se de materiais que não receberam um tratamento crítico. Para Godoy (1995, p. 21), “a pesquisa documental representa uma forma que pode se revestir de um caráter inovador, trazendo contribuições importantes no estudo de alguns temas.” Afinal, documentos são importantes fontes de dados para pesquisas e outros procedimentos qualitativos.

Os objetivos específicos desta pesquisa são contextualizar o surgimento da profissão de bibliotecário no Brasil; identificar quais os espaços de trabalho ocupados pelas bibliotecárias; identificar como as páginas no Facebook sobre o profissional comunicam as informações sobre as bibliotecárias; analisar as informações que circulam nas páginas sobre bibliotecários no Facebook; e verificar as tensões entre as representações sobre as bibliotecárias e a profissão de bibliotecário.

Para atender aos objetivos da pesquisa, foi utilizado como instrumento de coleta de dados a observação. Para Marconi e Lakatos (2003, p. 190), “[...] utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Consiste de ver, ouvir e examinar fatos ou fenômenos.” Ou seja, a partir da observação de um determinado grupo ou fato, temos um possível resultado ou algo que venha a trazer dados para uma futura pesquisa. A observação tem várias formas, sendo utilizada neste trabalho a observação sistemática.

Para análise dos dados, foi utilizada a análise de conteúdo, que é formada por um conjunto de técnicas de análise e procedimentos de descrição de informações e tem como objetivo transpassar as indecisões e desenvolver interpretações dos dados coletados. Para Bardin (2009), a análise de conteúdo é utilizada para reconhecimento e sistematização na coleta e análise dos dados, sendo assim organizada em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

Nesse contexto, a análise dos dados foi realizada a partir da observação dos dados coletados de modo que responda ao problema estabelecido pela pesquisa.

3.1 CORPUS DE ESTUDO

Ao pesquisar nas páginas do Facebook pelos termos “bibliotecário”, “bibliotecária” e “Biblioteconomia”, foram encontradas as seguintes páginas e

números de curtidas (números coletados entre 24 de abril e 19 de maio de 2018 e atualizados em outubro de 2018):

- a) Biblioteconomia da depressão (1,6 mil)
- b) Bibliotecário sincero (1,8 mil)
- c) Cantadas de bibliotecário (2,9 mil curtidas)
- d) Bibliotecário bem humorado (4,9 mil curtidas)
- e) Bibliotecária diferentona (5,9 mil)
- f) Bibliotecária mal humorada (13 mil)
- g) Bibliotecários sem fronteiras (19 mil)
- h) Memes bibliotecológicos (60 mil)

As curtidas foram coletadas para se ter uma breve noção sobre as postagens, como por exemplo quantas pessoas ela pode alcançar, o quanto uma piada ou representação pode ser repercutida, compartilhada. A página memes bibliotecológicos é a página com maior número de curtidas e postagens atuais, mas a mesma encontra-se na língua espanhola. Nas informações da página não diz uma localização exata, mas tratando-se de outra língua e que esta pesquisa é sobre as bibliotecárias brasileiras, é uma página descartada para o estudo.

As páginas escolhidas foram Bibliotecário Bem Humorado, Bibliotecária Mal Humorada, Bibliotecários Sem Fronteiras e Bibliotecária Diferentona, por terem conteúdo mais recente. Algumas das páginas listadas têm pouco ou nenhum conteúdo entre o período da pesquisa, fazendo com que o número de curtidas não influencie, mas sim as postagens atuais para que haja conteúdo para as coletas. Os dados coletados são no período de março a setembro de 2018, pois algumas páginas só foram atualizadas até março ou abril do presente ano.

A página “Bibliotecário bem humorado” traz informações sobre entretenimento com sacadas políticas em torno dos livros, do bibliotecário e dos usuários. Logo ao abrir a página, encontram-se piadas em imagens com a Constituição, por exemplo, e quase sempre com um comentário sarcástico.

A página “Bibliotecária mal humorada”, embora também vista como entretenimento, usou Comunidade como tema da página, o que não deixa de ser, pois engloba bibliotecários e problemas que passam no dia-a-dia em uma biblioteca. As postagens, quando feitas pela própria página, tem como assinatura a foto da lesma apresentada no filme Monstros S.A., Roz, que divide a ideia de muitos quanto a ela ser uma bibliotecária ou tesoureira.

“Bibliotecários Sem Fronteiras”, além de página no Facebook, também é um blog. Possui várias curtidas e o blog também é muito acessado. Contém muitas informações sobre a profissão, porém foi uma das páginas que deixou de ser atualizada.

A quarta e última página analisada, a “Bibliotecária Diferentona” além de trazer informações sobre entretenimento abrange possíveis dúvidas e notícias para seu público, proporcionando lazer e também informações úteis sobre a Biblioteconomia para seus seguidores.

4 AS REPRESENTAÇÕES SOBRE AS BIBLIOTECÁRIAS BRASILEIRAS NAS PÁGINAS DO FACEBOOK

Analizou-se a imagem das bibliotecárias nas postagens das páginas escolhidas do Facebook, bem como as fotos de perfil das páginas, onde podemos ter uma breve noção do que elas tratam em suas postagens.

4.1 BIBLIOTECÁRIO BEM HUMORADO

A foto de perfil da página realmente nos mostra um bibliotecário bem humorado: é a foto de Rowan Atkinson como Mr. Bean, famoso personagem de filmes de comédia que ele mesmo criou. Ao mesmo tempo em que traz a imagem de bem humorado, pela foto escolhida e o que há escrito nela, abrange um amplo sentido, podendo ser diferente para cada pessoa que venha a prestar atenção na foto, como por exemplo achar que ele está tramando algo.

Figura 1 - "Bem vindo à biblioteca!"



Fonte: Página *Bibliotecário bem humorado*. Disponível em: <<https://goo.gl/8P1TnC>>. Acesso em: 08 nov. 2018.

Quanto às suas postagens mais recentes, a página postou diversos memes sobre política, porém não é algo diretamente ligado às eleições de 2018. Analisando a página durante o período proposto, é possível perceber que a mesma é politizada, não apenas pelos conteúdos que trata sobre o momento político atual, mas porque a

grande maioria das suas publicações há memes envolvendo a biblioteca, o bibliotecário e o usuário. O termo *meme* é grego e significa imitação⁵, ou seja, podemos resumir-lo a uma informação multimídia (imagens (filmes, séries, programas televisivos), notícias, fotos, desenhos ou animações) que são reproduzidas instantaneamente e rapidamente.

Figura 2 - Meme político



Fonte: Página *Bibliotecário bem humorado*. Disponível em: <<https://goo.gl/EnEHnv>>. Acesso em: 09 nov. 2018.

A página também traz situações, por vezes tensas, que o bibliotecário vive no dia a dia de uma forma mais descontraída, para fazer com que os usuários do Facebook e prováveis bibliotecários ou usuários de biblioteca se identifiquem com a piada proposta.

⁵ Fonte: Significados. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/meme/>>. Acesso em: 5 abr. 2018.

Figura 3 - O que está acontecendo?



Fonte: Página *Bibliotecário bem humorado*. Disponível em: <<https://goo.gl/WxvFQT>>. Acesso em: 09 nov. 2018.

Na imagem acima, usaram um recorte do gibi “Turma da Mônica” para ilustrar o cotidiano do trabalho do bibliotecário de forma engraçada, porém sem deixar de contar a realidade do que se passa em uma biblioteca. Por exemplo, é comum ocorrer em uma biblioteca que o usuário pegue um livro do acervo para dar uma folheada e guardar novamente. No entanto, às vezes o mesmo não coloca o livro exatamente no lugar em que se encontrava. Por isso, é necessário realizar leitura de estante periodicamente, para verificar os itens que estão fora do lugar e do que pode estar faltando, do que foi dado baixa após o empréstimo ou não.

A página tem muitas postagens durante o período analisado, mas uma boa parte trata-se de conteúdos postados em 2016 que foram compartilhados novamente, o que faz com que aquela publicação percorra entre os usuários que curtiram a página após a publicação original. Ou seja, é de grande valia para o estudo, pois a página está reforçando representações.

Figura 4 - O bibliotecário perante outros



Fonte: Página *Bibliotecário bem humorado*. Disponível em: <<https://goo.gl/FBxYti>>. Acesso em: 09 nov. 2018.

Tomando como exemplo ao que foi escrito acima, esta imagem foi publicada pela página em abril de 2016 e compartilhada novamente em maio de 2018. Observa-se múltiplas representações sobre a bibliotecária. Dependendo de quem percebe o profissional, as suas representações são distintas. Entretanto, alguns estereótipos sobre o perfil do profissional se fazem presentes e outros ausentes.

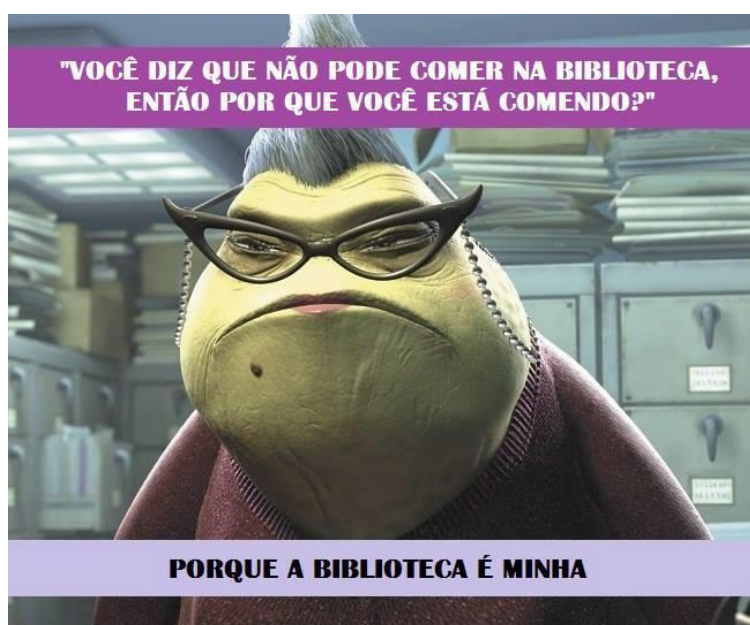
A imagem acima expressa as representações do ponto de vista dos “outros” (dos amigos, da família, do chefe e da sociedade), os amigos destacam as representações de uma mulher jovem, de óculos e sedutora, que usa decote e é sexy. Enquanto que a família (no caso, a mãe) percebe como uma jovem comportada, mergulhada no acervo da biblioteca realizando suas tarefas, na imagem aparece guardando os livros na estante. O chefe a vê sempre cansada e dormindo no local de trabalho. Na visão da sociedade, aparece a imagem de senhoras enfileiradas vestidas de uniforme, pedindo silêncio. Embora sejam várias bibliotecárias enfileiradas não percebemos na imagem nenhuma profissional de origem afro-descendente. Essa imagem estereotipada da bibliotecária repressora, solicitando silêncio será analisada abaixo, pois essa representação sobre a bibliotecária é reforçada pela página virtual. No entanto, a representação que a bibliotecária tem de si mesmo se difere das representações dos outros. Aqui ela

aparece como a “super-bibliotecária”, pois somente assim consegue dar conta de todas suas tarefas na rotina do trabalho, e também nos lembra das bibliotecas que possuem contação de histórias para crianças, mostrando o bibliotecário devidamente caracterizado. Por último, a representação de como realmente é: a bibliotecária ajudando seu usuário a fazer uma pesquisa para encontrar o que ele precisa, vendo se o que ele necessita encontra-se no acervo ou onde ele poderia encontrar tal material. Claramente, cada visão difere-se muito uma da outra, trazendo como os outros nos veem e como realmente nos portamos profissionalmente.

4.2 BIBLIOTECÁRIA MAL HUMORADA

Temos como foto de perfil a personagem Roz, da animação *Monstros S.A.* da *Pixar Animation Studios* (PIXAR - Estúdio de animação digital pertencente à *Walt Disney Company*), representando a Bibliotecária Mal Humorada da página. Todas as postagens da página têm como fundo a mesma imagem da personagem, trocando apenas as piadas sobre a profissão em cada postagem.

Figura 5 - “A biblioteca é minha”



Fonte: Página *Bibliotecária Mal Humorada*. Disponível em: <<https://goo.gl/7Nx3JF>>. Acesso em 26 set. 2018.

As representações sobre o comportamento dos bibliotecários derivam das posturas desse profissional no cotidiano do seu trabalho. A principal delas é o seu mau humor, um preconceito real dos usuários, tanto que os alguns se negam a pedir

auxílio aos profissionais, preferindo encontrar o material que necessitam sozinhos. Essa relação entre usuário e bibliotecário é mencionada por Morigi, Kussler e Massoni (2017, p. 327), onde “a relação do bibliotecário com seu público também influencia na formação de sua identidade profissional”. Os autores também comentam sobre como o ambiente em que o bibliotecário e o usuário estão inseridos ajuda a formar as representações e identidades profissionais.

Ainda sobre a personagem Roz, como vemos na Figura, ela é uma tesoureira/arquivista e não bibliotecária, mas considerando o estereótipo em que as bibliotecárias estão inseridas e a forma como foi construída a personagem, grande parte de quem assistiu ao filme acha que ela seja bibliotecária, mesmo ela lidando o tempo inteiro apenas com papeladas. Quanto à piada da imagem acima, podemos perceber também que o bibliotecário, por vezes, se acha o dono daquele espaço, fazendo com que as regras não se apliquem a ele. Essa representação é difusa sobre bibliotecários e arquivistas, ambos trabalham no cotidiano com acervos impressos. No imaginário social, esse fato faz com que esses distintos profissionais sejam identificados indistintamente. Além disso, eles são os responsáveis pela salvaguarda dos livros e dos documentos que constituem os acervos das bibliotecas e dos arquivos. Por sua vez, faz como que os mesmos se sintam “donos” desses espaços.

É importante também trazer a página Bibliotecários Sem Fronteiras. A página não pôde entrar no período definido para a pesquisa, pois deixou de ser atualizada em fevereiro de 2018, fazendo com que não haja postagens a serem analisadas. Mas é interessante ressaltar a foto de perfil da página.

Figura 6 - Bibliotecários sem fronteiras



Fonte: Página *Bibliotecários Sem Fronteiras*. Disponível em: <<https://bit.ly/2PjKYrB>>. Acesso em 09 nov. 2018.

Conforme vemos na figura retirada da página, temos uma imagem caricatural da profissional bibliotecária que pode ser resumida pela “[...] senhorita de óculos e birote, velhinha, com um dedo na frente da boca, pedindo silêncio” (SMIT, 1982, p. 2). Ainda mais estereotipada temos “velhinha, mal-encarada, recalçada, de uma verdadeira bruxa protectora de livros, que trabalha no covil escuro e silencioso, repreendendo qualquer manifestação sonora” (OLIVEIRA, 2012, p. 11). Essas citações são de 1982 e 2012 e, incrivelmente, em 2018, elas continuam circulando. Ao se questionar se esse tratamento acontece também com os bibliotecários, nós não vemos o mesmo, pois a área é, geralmente, dominada pelas mulheres e podemos considerar que este fato faz com que os campos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação tenham pouco prestígio social. Além disso, os cursos de graduação possuem pouca procura. Conforme afirma Lobão et al. (2017, p. 2037),

As profissões consideradas femininas têm ao longo da história encontrado problemas para se destacar, estando em constante necessidade de atestar suas competências, como acontece na Biblioteconomia que é considerada uma profissão majoritariamente feminina em nosso país.

Spudeit (2018) traz dados de um estudo sobre bibliotecárias empreendedoras. Segundo o estudo, 54% delas têm acima de 51 anos, em

contraponto com uma pesquisa nacional realizada pelo Ministério do Trabalho, onde nos últimos 14 anos, 8 milhões de mulheres abriram seu negócio próprio, sendo que 40% delas têm menos de 34 anos.

Isso mostra que na área de Biblioteconomia, os alunos recém-formados estão indo atuar como funcionários em empresas e órgãos públicos e somente aqueles que estão com mais tempo de atuação e experiência é que estão empreendendo seus negócios na área. (SPUDEIT, 2018, p. 288)

Um dos objetivos deste estudo foi verificar quais os espaços de trabalho que são ocupados pelas bibliotecárias. Observou-se que as bibliotecárias recém formadas são geralmente mais jovens e iniciam a sua experiência na carreira atuando em órgãos públicos. Isso é algo incentivado na formação da carreira, desde o início dos cursos de graduação em Biblioteconomia, o que leva muitos profissionais a realizarem concursos públicos. Enquanto que as bibliotecárias, após maior tempo de atuação na profissão, se dedicam a realizar consultorias ou outras atividades diferentes das realizadas tradicionalmente nos espaços das bibliotecas.

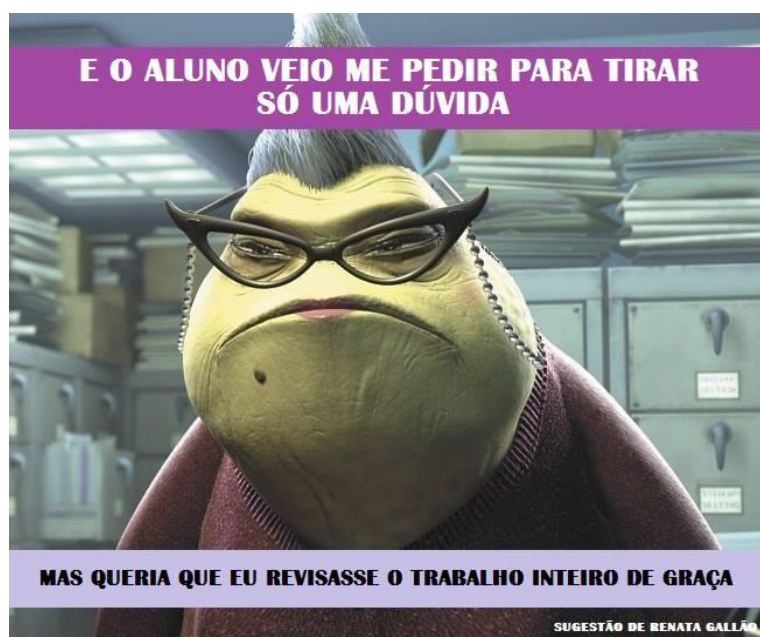
Bibliotecários Sem Fronteiras além de uma página no Facebook, também é um blog⁶. Diferente da página, o blog não tem atualizações muito recentes, mas percebe-se que o tratamento utilizado é diferente. No blog tem curiosidades e informações interessantes, como por exemplo “Lista com os 88 livros censurados na ditadura militar (1964-1985)”⁷. Observa-se que o blog tem o cunho de informar seus leitores, enquanto a página no Facebook trabalha mais com o humor.

Voltando à página Bibliotecária Mal Humorada, pode-se perceber que o trabalho do bibliotecário não é valorizado, conforme dito acima e na imagem abaixo.

⁶ Fonte: Bibliotecários Sem Fronteiras. Disponível em: <<http://bsf.org.br/>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

⁷ Fonte: Bibliotecários Sem Fronteiras. Disponível em: <<https://bsf.org.br/2018/04/17/lista-com-os-88-livros-censurados-na-ditadura-militar-1964-1985/>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

Figura 7 - Desvalorização do profissional



Fonte: Página *Bibliotecária Mal Humorada*. Disponível em: <<https://goo.gl/9vMTpt>>. Acesso em 27 set. 2018.

A estratégia de comunicação utilizada é o humor, pois “brinca” que um usuário solicitou pra ela dar uma “olhadinha” e queria que ela realizasse o trabalho inteiro de graça. Observamos que através desse meme serve para conscientizar os usuários a respeito das atividades do trabalho do bibliotecário. Um trabalho do bibliotecário é especializado e possui um valor agregado. Portanto, se este realiza seu trabalho ele precisa ser remunerado por suas atividades. Isso ocorre em qualquer profissão.

A página também aponta outras questões como a falta de recursos para as bibliotecas em geral ou negligência com acervo que a biblioteca possui. É comum ler notícias sobre a situação de precariedade das bibliotecas por falta de investimentos e recursos, pois as mesmas são tratadas com descuido pelas entidades responsáveis. Muitas vezes, elas não recebem verbas nem para manter os serviços básicos, muito menos para aquisição de livros e revistas para o acervo. Para Ferraz (2014, p. 29), “é preciso que políticas públicas sejam formuladas realmente com o intuito de aportar recursos financeiros e condições materiais para que as bibliotecas funcionem com qualidade.” Ultimamente, para suprir a falta de recursos orçamentários, as bibliotecas têm buscado formas de financiamento, como a Lei Rouanet. A Lei Rouanet permite que pessoas físicas e jurídicas destinem parte do

seu Imposto de Renda para projetos culturais, estes já tendo apresentado projetos e sido aprovados para captação.

Figura 8 - Falta de recursos



Fonte: Página *Bibliotecária Mal Humorada*. Disponível em: <<https://goo.gl/kuu7Fg>>. Acesso em 18 set. 2018.

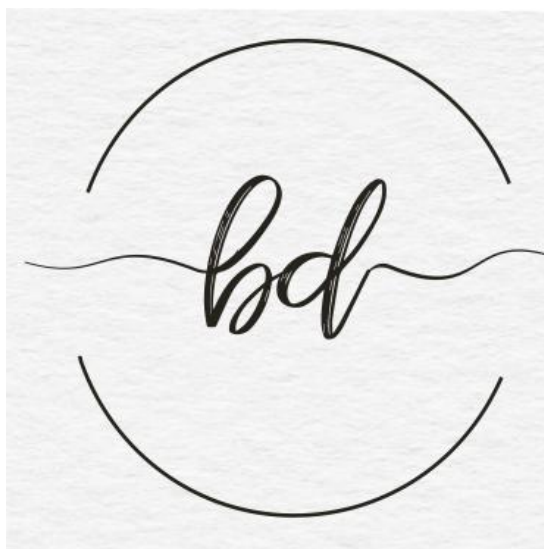
Esta é uma das páginas que teve pouca atualização durante o ano, tendo portanto, poucas postagens para analisar e incluir no presente estudo. Para quem acompanha as páginas de Biblioteconomia no Facebook, a falta de publicações das páginas neste último ano fez com que tivesse pouco material disponível para analisar. Entretanto, até pouco a página publicava muitas publicações novas sobre o tema.

Em relação a forma de comunicar informações sobre as bibliotecárias nessas páginas, que auxiliam na construção das representações sobre elas, a criatividade, o humor através de memes são algumas estratégias de comunicação utilizadas pelos responsáveis pelas páginas. As imagens e as ilustrações e o humor servem para atrair a atenção do público interessado no tema. Para além do preconceito entre os usuários, os estereótipos são apropriados pelas próprias bibliotecárias fazerem sátira sobre a profissão.

4.3 BIBLIOTECÁRIA DIFERENTONA

Em comparação com as outras três páginas, essa difere-se totalmente. A foto de perfil é o logo com seu nome (BD), sem qualquer personagem ilustrando. Tem uma boa quantidade de conteúdos recentes, além de memes, apresenta muitas informações. Diferente das outras três páginas que utilizam majoritariamente memes, esta página divide-se entre entreter o seu usuário e também deixá-lo informado sobre assuntos relacionados à biblioteca. Considerando as divergências, é de se pensar que essa realmente seja uma bibliotecária diferente, uma vez que ela demonstra o interesse em informar seu leitor tanto quanto em entretê-lo.

Figura 9 - Logo da página



Fonte: Página *Bibliotecária Diferentona*. Disponível em: <<https://goo.gl/U4doAp>>. Acesso em 12 nov. 2018.

Este é o logo da página. Percebe-se que ele é muito limpo e sem qualquer representação estereotipada sobre a profissão, como vimos nas imagens de perfil das outras páginas. A perspectiva da página é mostrar uma imagem diferente da profissional estereotipada como as demais páginas. Entretanto, a linguagem utilizada para denominá-la aparece no superlativo “Bibliotecária Diferentona”. Não se possui maiores informações sobre o que a página pode vir a abordar, se há humor ou informações publicadas.

Figura 10 - Notícia

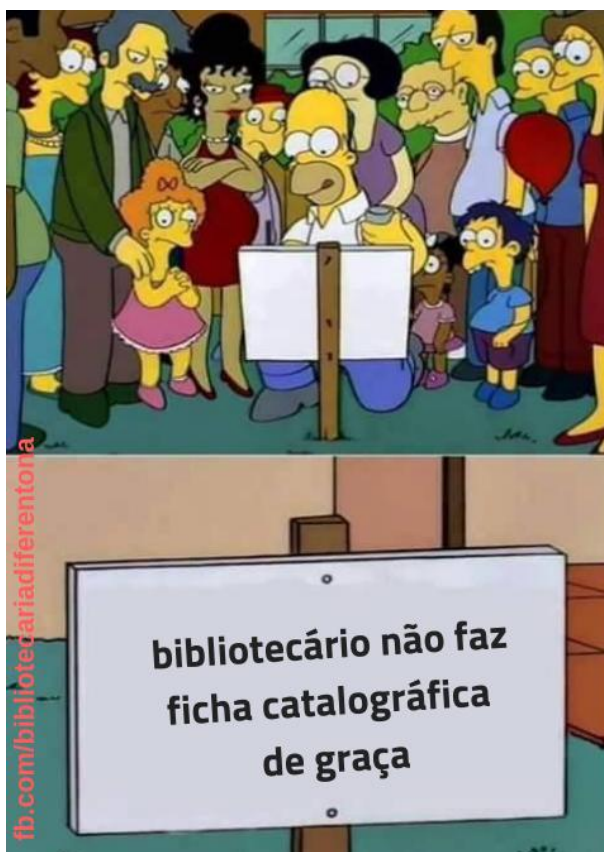


Fonte: Página *Bibliotecária Diferentona*. Disponível em: <<https://goo.gl/pvbTYx>>. Acesso em 15 nov. 2018.

Como comentado, a página apresenta além de memes, informações para seu público. Nesse caso, a notícia é de que o governo estuda proposta para regulação do comércio de livros. Ou seja, haverá uma tabela de precificação para ajudar no mercado de editoras e livrarias menores, porém acarretará em até 10% o valor dos livros e livrarias grandes não poderiam estabelecer descontos até um prazo estipulado pelo governo. Se 30% da população brasileira nunca comprou um livro, conforme pesquisa Retratos de Leitura⁸, o livro com um valor alto e sem descontos progressivos, como várias livrarias operam, pode-se prever que esse percentual pode aumentar, uma vez que há pouco incentivo à leitura e muitas crianças desinteressadas pela leitura, mesmo quando tem condições de comprá-lo.

⁸ Fonte: Estadão. Disponível em: <<https://goo.gl/CunhZA>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

Figura 11 - Desvalorização do profissional 2



Fonte: Página *Bibliotecária Diferentona*. Disponível em: <<https://goo.gl/J2eYHT>>. Acesso em 15 nov. 2018.

Esse tema foi abordado na página *Bibliotecária Mal Humorada*, na figura 7. Podemos observar que duas páginas apresentam usuários que pedem serviços gratuitos ao profissional, uma vez que é necessário botar valor em seu trabalho pois é especializado.

Figura 12 - - Bibliotecário e gestão



Fonte: Página *Bibliotecária Diferentona*. Disponível em: <<https://goo.gl/6NwrGT>>. Acesso em 15 nov. 2018.

Em geral, os cursos de Biblioteconomia no Brasil possuem uma alta carga-horária de suas disciplinas que enfatizam os aspectos mais teóricos do que práticos. Isso faz com que os alunos da graduação aprendam os conteúdos práticos abordados em sala de aula à medida que realizam os estágios, sejam eles obrigatórios ou não. Em relação à gestão de bibliotecas, percebe-se na imagem que o passageiro comenta com o motorista algo indispensável: bibliotecário precisa aprender gestão de bibliotecas. E isso porque é preciso aprender a lidar com equipe, com gerência, a lidar com problemas superiores. Bibliotecário não será sempre funcionário de alguém, em algum momento terá que assumir a responsabilidade de gerenciar uma biblioteca e todos os seus setores.

Figura 13 - Notícia 2

6 de julho · 🌐

Ainda restam dúvidas de que notícias falsas causam um problema? 🙋

"Mais recentemente, reportagens publicadas no Brasil revelam um preocupante avanço do movimento antivacinação. O mais surpreendente é que famílias que escolhem não vacinar seus filhos reportam abertamente que usam, como fonte de informação, as redes sociais!

Curiosamente, o medo das vacinas espalhado pelas redes começou por causa de um médico que nunca foi partidário da causa antivacina. Ele apenas queria ficar rico vendendo um imunizante contra o sarampo. Para isso, fraudou um trabalho científico a fim de relacionar a vacina tríplice viral MMR, que protege frente a sarampo, rubéola e caxumba, com o autismo"



FACEBOOK.COM/REVISTASAUDE

SAUDE.ABRIL.COM.BR

Por que o movimento antivacina não tem um pingão de sentido | Cientistas Explicam

Fonte: Página *Bibliotecária Diferentona*. Disponível em: <<https://goo.gl/MkHBsr>>. Acesso em 15 nov. 2018.

Como já foi descrito, a página também traz informações úteis para os seus usuários. Neste caso, foi publicada uma notícia de interesse público sobre o movimento antivacina que foi vista há alguns meses atrás e foi muito comentada. O administrador da página comenta, que por conta de notícias falsas que se circulam nas redes sociais, tivemos um exemplo de como um movimento que estava propagando informações errôneas, causando malefícios para as crianças. Um dos trabalhos fundamentais do bibliotecário é justamente ir atrás das informações corretas e da credibilidade das suas fontes. Tal como ocorreu em relação à matéria ao ser publicada, apresentando opiniões de cientistas a respeito do tema que explicaram que não há sentido nas informações divulgada pelo movimento antivacina.

Esta é uma das páginas mais ativas sobre a Biblioteconomia, e além de suas próprias postagens, também compartilha os conteúdos de outros canais do Facebook. Ela também tem um bom número de compartilhamentos em suas

postagens, levando o seu conteúdo e as representações sobre a profissão e seu trabalho para outras pessoas e para diferentes espaços.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos na seção sobre representações sociais, representar é atribuir um conceito, e conceito é a formulação de uma ideia que se manifesta a partir da linguagem, do uso das palavras, das imagens, dos sons, entre outras formas de comunicação. As representações sociais são os fenômenos que dependem dos processos de interação social e também dos contextos sócio-históricos. Isto é, elas estão diretamente associadas ao tempo e ao espaço vividos pelos sujeitos sociais. Assim, elas podem se modificarem ou persistirem no tempo.

O estudo analisou as representações sobre as bibliotecárias a partir das páginas da rede social Facebook: “Bibliotecário Bem Humorado” “Bibliotecária Mal Humorada”, “Bibliotecários Sem Fronteiras” e “Bibliotecária Diferentona”. A pesquisa mostrou quais estratégias de comunicação foram utilizadas e como são difundidas as representações estereotipadas sobre as profissionais em cada uma das páginas analisadas. Assim, foi possível compreender como as representações auxiliam na construção da imagem da profissão e do seu prestígio social.

No decorrer da pesquisa, obtivemos conhecimentos a respeito de temáticas como as representações sociais, as redes sociais, as representações profissionais da mulher, da profissão bibliotecário e os conteúdos de cada página escolhida para análise. Observamos que no Facebook existem diversas páginas sobre Biblioteconomia e seus profissionais. No entanto, muitas delas não têm uma continuidade e não estão atualizadas. Algumas delas foram abandonadas, outras tiveram um grande número de curtidas, mas as postagens são antigas e não foram mais atualizadas.

Conforme observamos, as páginas sobre bibliotecários e a Biblioteconomia no Facebook são mais voltadas para o entretenimento, em forma de memes, mostrando informações sobre os acontecimentos ligados ao cotidiano dos profissionais, mas elas também apresentam informações úteis aos leitores e aos interessados nessa área de conhecimento.

Na era das *fake news*, o trabalho do bibliotecário é fundamental, pois a credibilidade das fontes informacionais é um elemento importante no sentido de identificar a veracidade das informações que circulam nas redes sociais. Além disso, ele possui domínio das tecnologias de informação e comunicação e seus usos. Entretanto, o seu potencial nem sempre é reconhecido pelo mercado de trabalho,

pois são pouco conhecidas as suas competências profissionais e as funções desempenhadas como gestor da informação e dos acervos das bibliotecas.

Entretanto, no imaginário social, as representações sobre os bibliotecários como guardiões dos livros, das bibliotecas e da memória persistem. As representações sobre as bibliotecárias estão associadas ao espaço das bibliotecas. Essa representação faz entender o profissional como fonte de informações e ao mesmo tempo como guardião do conhecimento. A bibliotecária como “guardiã” nos remete às representações já conhecidas e consagradas do bibliotecário, tal como apontam Silva e Morigi (2008).

As representações sobre as bibliotecárias estão ancoradas e sedimentadas em um perfil profissional de um contexto sócio-histórico, ligado ao passado, associadas a antigas práticas biblioteconômicas. As bibliotecárias aparecem através de imagens estereotipadas como “velhas” e “mal humoradas” ou “não gostam de interagir com os usuários”. Por isso, a dificuldade de mudanças nas representações sociais sobre o perfil dos profissionais relacionados ao contexto do presente.

Na página Bibliotecária Diferentona, as representações das bibliotecárias se fazem presentes a partir das práticas da profissão. As outras páginas reforçam essas representações estereotipadas. A página Bibliotecário Bem Humorado apresenta o bibliotecário, como um personagem “esquisito”, como se observa a partir da foto de perfil. A página utiliza a linguagem humorística, ostentando piadas sobre o cotidiano da prática profissional. Na página Bibliotecária Mal Humorada, as representações estão ancoradas na linguagem visual, em fotos, na denominação da própria página. A página Bibliotecários Sem Fronteiras, conforme escrito, não houve atualização durante o período proposto para coleta dos dados. Foi colocada no presente estudo, pois mesmo não tendo publicações para analisar, era indispensável mostrar a imagem de perfil que a página apresenta, reforçando o que é visto na página Bibliotecária Mal Humorada.

O problema de pesquisa levantado foi descobrir como as bibliotecárias brasileiras são representadas em páginas sobre bibliotecários na rede social Facebook. As representações sobre as bibliotecárias brasileiras compartilhadas nas páginas do Facebook recaem sobre o corpo e o comportamento social no trabalho. Do corpo, se destacam a estética, as vestimentas e os adereços utilizados pelas profissionais. Entre eles estão os óculos, os brincos, as roupas curtas ou longas, a postura corporal e o cenário onde as bibliotecárias atuam, entre outros.

As representações sobre as bibliotecárias se apresentam de forma “mista”, uma combinação de estereótipos tradicionalmente já conhecidos sobre o perfil das profissionais, ora como senhoras rabugentas ora como mulheres sedutoras, provocativas. Conforme Morigi, Kussler e Massoni (2017, p. 329), “a construção da nova identidade profissional não rompe necessariamente com o velho paradigma da profissão: por vezes incorpora aspectos deste que, aos poucos, se acomoda às novas tendências do paradigma que emerge”. Ou seja, mesmo que venha a mudar a identidade que a profissão recebeu, ela não deixará de existir. Essa nova identidade profissional será feita embasada na antiga.

Para que estas representações mudem, seria necessário que as páginas, que possuem o poder de disseminar informações e representações, trouxessem mais sobre a profissão em si, o que se faz e do que se trata, e também que as mesmas, aos poucos, mudassem esse material que estereotipa as bibliotecárias. As representações não deixarão de existir, mas conforme a cultura muda, as bibliotecárias também, e esses estereótipos encontrados na pesquisa são antigos, deixando claro que precisamos atualizar as representações quanto à nossa profissão. Assim, o curso de Biblioteconomia e a profissão viriam a ser mais conhecidos, poderia haver uma maior apresentação sobre a área, sobre o profissional e onde ele pode atuar.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, M. **O papel da mídia na difusão das representações sociais**. Rio de Janeiro. 2001. Disponível em: <<http://www.sinpro-rio.org.br/imagens/espaco-do-professor/sala-de-aula/marcos-alexandre/opapel.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2018.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BECK, U. **World Risk Society**. Cambridge: Polity Press, 1999.
- BRUSCHINI, C. et al. Trabalho, renda e políticas sociais: avanços e desafios. In: BARSTED, L. L.; PITANGUY, J. (Orgs.) **O progresso das mulheres no Brasil 2003-2010**. Rio de Janeiro: CEPIA, p. 142-177, 2011. Disponível em: <http://onumulheres.org.br/wp-content/themes/vibecom_onu/pdfs/progresso.pdf>. Acesso: 15 out. 2018.
- CHUEKE, G. V.; LIMA, M. C. Pesquisa qualitativa: evolução e critérios. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá: UEM, v. 12, n. 128, p. 63-69, jan. 2012.
- CRISPIM, A. C. et al. Social representations elements of athlete on Facebook. **Interamerican Journal of Psychology**, Kent: University of Kent, v. 50, n. 3, p. 347-358, 2016.
- DIEB, M. H.; ARAÚJO, J. C. R.; VASCONCELOS, J. L. A representação social de professor em fanpages do Facebook. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 17, n. 3, p. 705-726, set./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/19446>>. Acesso em: 23 out. 2018.
- FERRAZ, M. N. O papel social das bibliotecas públicas no século XXI e o caso da Superintendência de Bibliotecas Públicas de Minas Gerais. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.19, número especial, p. 18-30, out./dez. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v19nspe/04.pdf>>. Acesso em: 14 nov. 2018.
- FIALHO, J. Pressupostos para a construção de uma sociologia das redes sociais. **Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. 29, p. 59-79, 2015. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/13338.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2018.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução de Joice Elias Costa. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FONSECA, E. N. **A Biblioteconomia brasileira no contexto mundial**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1979. 247 p.

GLOBO.COM. **Mulheres ganham menos que os homens em todos os cargos e áreas, diz pesquisa**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/mulheres-ganham-menos-que-os-homens-em-todos-os-cargos-e-areas-diz-pesquisa.ghtml>>. Acesso em: 07 set. 2018.

GENTILLI, R. **Representações e práticas**: identidade e processo de trabalho no serviço social. 2.ed. São Paulo. Veras, 2006.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo: FGV, v. 35, n. 3, p. 20-29, maio/jun. 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3>>. Acesso em: 02 maio 2018.

GONZÁLES REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GUARESCHI, P. Representações sociais e ideologia. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis: EDUFSC, Edição especial temática, p. 33-46, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/viewFile/24122/21517>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

HUBERMAN, B.A., ROMERO, D. M.; WU, F. Social networks that matter: Twitter under the microscope. **First Monday**, v. 14, n.1, jan. 2009. Disponível em: <<http://firstmonday.org/htbin/cgiwrap/bin/ojs/index.php/fm/article/viewArticle/2317>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

JACOBSEN, P. S. **A imagem do profissional bibliotecário na literatura de ficção**. 2010. 130 p. Trabalho de conclusão de graduação - UFRGS, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/25765>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

JOVCHELOVITCH, S. **Os contextos do saber**: representações, comunidade e cultura. Petrópolis: Vozes, 2008.

KUSSLER, N. F. **Representações sobre bibliotecários em animês**. 2016. 80 p. Trabalho de conclusão de graduação - UFRGS, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/157354>>. Acesso em: 15 maio 2018.

LOBÃO, I. S. L. et al. Biblioteconomia: uma questão de gênero?. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, n. esp., p. 2037-2050, 2017. Disponível em: <<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/998>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

LOUREIRO, M. F.; JANNUZZI, P. M. Profissional da informação: um conceito em construção. **Transinformação**, Campinas, v. 17, n. 2, p. 123-151, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-37862005000200003>>. Acesso em: 29 maio 2018.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARQUES, L. K. S.; VIDIGAL, F. Prosumers e redes sociais como fontes de informação mercadológica: uma análise sob a perspectiva da inteligência competitiva em empresas brasileiras. **Transinformação**, Campinas, v. 30, n. 1, p. 1-14, jan./abr. 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tinf/v30n1/2318-0889-tinf-30-1-0001.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2018.

MARTUCCI, E. M. R. A feminização e a profissionalização do magistério e da biblioteconomia: uma aproximação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 1, n. 2, p. 225-244, 1996. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000002504>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

MATOS, M. **As representações do bibliotecário na literatura infantil**. 2014. 103 p. Trabalho de conclusão de graduação - UFRGS, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/112159>>. Acesso em: 15 maio 2018.

MORAES, S. M. do A. **Discriminação salarial por gênero nos segmentos industriais do Brasil**: uma análise para os anos de 1993, 1998 e 2003. 2005. 115 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Econômico) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005. Disponível em: <<http://www.economia.ufpr.br/Dissertacoes%20Mestrado/107%20-%20Silvana%20Maria%20do%20Amaral%20Moraes.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2018.

MORIGI, V. J.; KUSSLER, N. F.; MASSONI, L. F. H. Bibliotecários em animês: representações ficcionais e realidade. **Informação & Informação**, v. 22, n. 3, p. 320-345, set./out. 2017. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/28366>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais**: investigações em psicologia social. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. 404 p.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Tradução de Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

NASCIMENTO, A. P. C. et al. Bela, recatada e do lar: (des)construindo discursos sobre a feminilidade na contemporaneidade. In: COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES, 12., 2016. Campina Grande. **Anais...** Campina Grande: Realize, 2016.

OLIVEIRA, A. B. **Estereótipo Bibliotecário**: o profissional da informação no contexto da sociedade contemporânea. Natal: Feedback, 2012. Disponível em: <<http://www.youblisher.com/p/345018-Estereotipo-Bibliotecario-o-profissional-da-informacao-no-contexto-da-sociedade-contemporanea/>>. Acesso em: 14 de nov. 2018.

PACHECO, F. F. **As representações da mulher na propaganda televisiva brasileira**: seus impactos para o exercício da cidadania. 17p. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Especialização em Direitos Humanos e Cidadania) - Universidade Federal do Pampa, Campus Jaguarão, Jaguarão, 2017. Disponível em: <<http://dspace.unipampa.edu.br:8080/jspui/handle/riu/2413>>. Acesso em: 25 maio 2018.

PINTO, L. E.; RIBEIRO, M.R. A Disseminação de ódio no Facebook e a influência do hater na pauta jornalística: Caso de racismo com a atriz Taís Araújo. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 17., 2016. Curitiba. **Anais...** Curitiba: 2016.

POLKE, A. M. A.; ARAÚJO, E. M. B.; CESARINO, M. A. N. Análise do mercado de trabalho do bibliotecário em Belo Horizonte, Minas Gerais. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 5, n. 2, p. 875-910, 1977. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000008684>>. Acesso em: 18 maio 2018.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROCHO, R. M. **O estereótipo do bibliotecário no cinema**. 2007. 98 p. Trabalho de conclusão de graduação - UFRGS, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/16257>>. Acesso em: 22 out. 2018.

SIGNIFICADO de Meme. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/meme/>>. Acesso em: 08 nov. 2018.

SILVA, M. L.; MORIGI, V. J. Representações das práticas e da identidade profissional dos bibliotecários no mundo contemporâneo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2008, p. 1-15.

SMIT, J. Bibliotecário, in memoriam: um canto de morte em feito de psicodrama. **Palavra-Chave**, São Paulo, n. 2, p. 2-3, ago. 1982.

SPUDEIT, D. Lugar de mulher é nos negócios: empreendedorismo feminino na Biblioteconomia. In: SILVA, F. C. G.; ROMEIRO, N. L. (Orgs.). **O protagonismo da mulher na Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Florianópolis: ACB, p. 275-307, 2018.

SUNG, J. M.; SILVA, J. C. **Ética e relações de gênero**: conversando sobre ética e sociedade. Petrópolis: Vozes, p. 95-107, 1995.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

VERAS, L. Desmistificando a profissão e o profissional bacharel em Biblioteconomia: um estudo em Teresina - PI. In: SIMPÓSIO DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA, 10., 2010. Teresina. **Anais...** Teresina: 2010.

VILLAS BOAS, Andréa; DIEHL, Bruna Villas Boas. **Elas empreendedoras**. São Paulo: Autoras, 2012.

WASSERMAN, S.; FAUST, K. **Social Network Analysis. Methods and Applications**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1994.

WELLMAN, B. An Electronic Group is Virtually a Social Network. In: KIESLER, S. (org.) **Culture of Internet**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, p. 179-205, 1997.